

FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO DO ADOECIMENTO MENTAL NO TRABALHO NA PERSPECTIVA DE ENFERMEIROS

Tábata Milena Balestro Borges¹, Liciane Diehl²

Resumo: Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa que analisou as relações que se estabelecem entre o trabalho e o processo de saúde-doença na perspectiva dos profissionais da área de enfermagem. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e posteriormente foram analisados pela técnica de análise de conteúdo, de modo que resultaram em duas categorias: fatores de risco e fatores de proteção. O estudo permitiu realizar reflexão sobre o trabalho de enfermagem no âmbito hospitalar e forneceu subsídios importantes para que a instituição desenvolva ações voltadas à saúde e à qualidade de vida de seus enfermeiros.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador. Processo saúde-doença. Enfermagem.

RISK AND PROTECTION FACTORS OF MENTAL ILLNESS AT WORK ON NURSES' PERSPECTIVE

Abstract: This search consists of a qualitative study that analyzed the relationships established between the work and the process of health and illness from the perspective of nursing professionals. Data were collected through semi-structured interviews and were subsequently analyzed using content analysis, so that resulted in two categories: risk factors and protection factors. The study allows a reflection on the nursing work in hospitals and provided important support for the institution to develop actions to health and quality of life of nurses.

Keywords: Occupational health. Health-disease process. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho sempre foi tema de interesse na história da humanidade, ora sendo mencionado como fonte de sobrevivência, ora como fonte da virtude ou da elevação moral e espiritual do ser humano (BENDASSOLLI, 2009). Em meados do século XIX, a Revolução Industrial gerou mudanças significativas na estrutura de produção de mercadorias, inovando

1 Bacharela em Administração com ênfase em Recursos Humanos pela Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves (2009). Acadêmica de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: tabatabalestro@yahoo.com.br

2 Doutoranda em Psicologia pela Unisinos. Mestre em Psicologia Social pela PUCRS (2014). Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Univates (2007). Coordenadora do Curso de Gestão de Recursos Humanos. Docente do Centro Universitário UNIVATES. E-mail: licidiehl@gmail.com

o modo de produção com o uso de máquinas a vapor e causando transformação no sistema de trabalho (VASQUES-MENEZES, 2012).

Somente a partir dos anos 1980, com o processo de modernização, a implantação de novas tecnologias na produção e a globalização econômica, são observadas significativas transformações em praticamente todas as questões que envolvem o mundo do trabalho. Esses eventos têm provocado mudanças importantes nos aspectos sociais e também no comportamento individual dos trabalhadores (CARLOTTO, 2001).

Atualmente, reconhece-se uma série de fatores associados ao trabalho como responsáveis por sofrimentos e alterações na saúde mental. Entre eles, destaca-se a complexa articulação de fatores relativos à organização do trabalho, como a divisão de tarefas, o controle sobre o processo de trabalho, as políticas de gestão de recursos humanos, a estrutura hierárquica, os processos de comunicação, o ritmo e a jornada de trabalho (JACQUES; AMAZARRAY, 2006). Nesse sentido, surge a necessidade de haver um novo olhar no tocante à saúde do trabalhador, com maior envolvimento das políticas públicas e análise de responsabilidade das empresas, assim, enfatizando a prevenção e o diagnóstico da organização do trabalho (VASQUES-MENEZES, 2012).

No Brasil, é evidente o avanço teórico no campo da saúde do trabalhador, que ultrapassou as concepções e práticas da medicina do trabalho e da saúde ocupacional. Hoje, consideram-se como premissas fundamentais a relação entre os processos de trabalho em suas dimensões sociais e técnicas e os processos de saúde-doença de coletivos de trabalhadores (MINAYO-GOMEZ; LACAZ, 2005).

São marcas da atualidade na organização do trabalho cargas invisíveis de tarefas, com demandas cognitivas e psicoemocionais, acarretando implicações na subjetividade e no processo de saúde-doença dos profissionais envolvidos. Essas características estão associadas ao conceito de trabalho imaterial (FERREIRA; MENDONÇA, 2012). Nos últimos anos, o trabalho industrial vem cedendo espaço ao trabalho imaterial, que se caracteriza como o trabalho que desenvolve conhecimento, produz comunicação e informação (HYPOLITO; GRISHCKE, 2013). Os autores ainda destacam que o esforço físico cede espaço às competências cognitivas, possibilitando que haja acúmulo de conhecimento, agregando valor à criatividade intelectual, afirmando também que o trabalho imaterial é relacionado a profissionais que possuem conhecimento, habilidade e atitude frente aos processos e suas equipes, tornando-se altamente competitivos diante das constantes mudanças.

A natureza do trabalho de enfermagem corresponde às características do trabalho imaterial pelo fato de ser relacional, envolvendo a comunicação, a produção de cuidados e a manipulação de afetos, exigindo o contato e a interação humanos (HARDT; NEGRI, 2004). Assim, a equipe de enfermagem torna-se suscetível ao fenômeno do estresse ocupacional em decorrência da responsabilidade pela vida e da proximidade com pacientes em sofrimento, na sua maioria (MENEHINI; PAZ; LAUTERT, 2011).

O estresse pode ser definido como um desgaste do organismo, o qual pode causar alterações psicofisiológicas ocorridas quando o indivíduo é forçado a enfrentar situações que o excitam, irritam ou amedrontam (PAFARO; DE MARTINO, 2004). O estresse ocupacional, por sua vez, é vinculado ao trabalho e diz respeito à falta de capacidade de

o trabalhador se readaptar às demandas existentes no trabalho e àquelas que ele próprio percebe (SCHMIDT; DANTAS; MARZIALE; LAUS, 2009). Paschoal e Tamayo (2004) apontam que, para existir um fator estressor na organização, o mesmo deve ser identificado pelo funcionário. Assim, para os autores, o estresse ocupacional é compreendido como uma sequência de situações, em que o sujeito reconhece as demandas apresentadas no trabalho como estressores, que podem suscitar reações adversas no trabalhador.

A fim de compreender a relação do trabalho com o processo saúde-doença, aborda-se a perspectiva do modelo biopsicossocial, que traz visão integrada do trabalho e norteia os padrões de relações de trabalho e cargas física e mental requeridas para cada atividade. Do ponto de vista social, ela desperta maior clareza nas questões políticas e ideológicas, nos processos de liderança empresarial e de poder formal ou informal, atingindo desde o significado do trabalho em si até o relacionamento e a satisfação das pessoas no seu dia a dia (FRANÇA, 2008). A autora complementa que o modelo biopsicossocial é uma abordagem que dá suporte a uma atitude ética nas exigências da condição humana, de modo que a atitude ética deve ocorrer desde a identificação, até a eliminação, a neutralização ou o controle dos riscos no ambiente físico.

Na compreensão de Ferreira e Mendonça (2012), o processo de saúde-doença diz respeito à compreensão das dimensões da esfera humana, caracterizadas como biológica, psíquica e social, e cada qual contribui de forma significativa tanto para a promoção de saúde quanto para o desencadeamento de doenças. Além disso, são disparadores para pensar questões relacionadas ao cuidado, como também possíveis complicações que podem ser suscitadas nos atores envolvidos.

Diante desse contexto, estudar os profissionais enfermeiros justifica-se pelo fato de que essa profissão aponta especificidades que abrangem desde o cuidado ao paciente, responsabilidades administrativas, assim como a exigência profissional constante no que se refere a conhecimentos e estudos, novas tecnologias hospitalares, disponibilidade de horário (plantões), rotatividade de pessoal e mesmo pelo fato de que trabalham com o bem maior: a vida. Além disso, é uma profissão cujo desempenho é apreciado devido à técnica, aos cuidados, à interação humana e ao trabalho afetivo, conforme apontam Traesel e Merlo (2011). Trata-se de uma função caracterizada pelo trabalho imaterial, na qual se produz um bem intangível que se consome ao mesmo tempo em que é produzido, ou seja, são serviços realizados, que representam uma continuidade ou não, e que reiteram as demandas que os sujeitos apresentam (HYPOLITO; GRISHCKE, 2013).

Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar e analisar, a partir da perspectiva dos profissionais de enfermagem, as relações que se estabelecem entre o trabalho e o processo de saúde-doença nesses trabalhadores. Os enfermeiros entrevistados são todos graduados (ensino superior completo) e possuem diferentes cargos, de modo que um é gerente e os demais são supervisores de setor ou de turno.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, já que promove entendimento de valores, atitudes, percepções e estímulos do público estudado, com o

objetivo central de compreendê-los em profundidade, conforme aponta Leopardi (2002). Ao considerar a pesquisa de caráter exploratório, Nasser (2008, p. 130) argumenta que “uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita familiarizar-se com as pessoas e suas preocupações”.

Os participantes do estudo são profissionais de enfermagem, com ensino superior concluído e que atuam em uma instituição hospitalar da região da Serra do Rio Grande do Sul. O quadro funcional dessa instituição é composto por 137 funcionários³ e, desse total, oito são enfermeiros. Todos foram convidados para participar do estudo e seis manifestaram interesse.

Os entrevistados trabalham na área hospitalar há, no mínimo, oito meses e cumprem carga horária de quarenta e duas horas semanais. Para alguns enfermeiros, o trabalho atual representa o seu primeiro emprego, já para outros a experiência de estar há mais tempo no hospital permite reconhecer que houve crescimento na carreira profissional.

A maioria dos participantes da entrevista é do sexo feminino, os quais são representados neste estudo por cinco enfermeiras e um enfermeiro. O número maior de mulheres enfermeiras na instituição analisada confirma a observação de Malagutti e Caetano (2009) que o trabalho de enfermagem é uma profissão caracterizada como feminina e, sobretudo, exercida por mulheres.

A faixa etária dos entrevistados varia entre 26 a 33 anos de idade, e quanto à escolaridade, são profissionais, em sua maioria, pós-graduados ou estão prestes a concluir especialização. A formação constante é uma exigência para quem trabalha na área da saúde, pois fortalece a confiança entre o profissional e o paciente que vai utilizar esse serviço. Malagutti e Caetano (2009) abordam que a educação permanente tem por objetivo capacitar os profissionais da saúde, considerando vivências próprias e dificuldades encontradas nos processos de trabalho.

Como a pesquisa propõe conhecer as vivências dos trabalhadores desse campo, para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cada um dos participantes, tendo duração média de aproximadamente 50 minutos. Foi escolhida uma área restrita (sala de reuniões do hospital) para que os entrevistados se sentissem à vontade e para que fosse mantido sigilo das informações. A fim de atender a padrões éticos em pesquisa, as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e, posteriormente, transcritas para a realização da análise.

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida para verificar os dados transcritos, pois ela é usualmente indicada como estratégia para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar (MORAES, 1999). As questões que nortearam as entrevistas foram: (a) Motivo da escolha da profissão; (b) Relato de um dia típico de trabalho do enfermeiro; (c) Principais fatores que geram estresse; e (d) O que mais gosta no trabalho que exerce.

3 Dados obtidos a partir do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), referente ao mês de março de 2014.

Após a seleção das unidades de análise, foram criadas as categorias, que remetem aos enunciados que envolvem um número variável de temas, de acordo com seu grau de proximidade, e que exprimem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo (CAMPOS, 2004). Dessa forma, a categorização foi não apriorística, ou seja, emergiram do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa (CAMPOS, 2004).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise das informações obtidas a partir das entrevistas foi realizada por meio do entendimento de duas categorias principais: fatores de risco e fatores de proteção.

3.1 Fatores de risco

As entrevistas revelam que o ambiente hospitalar é um local vulnerável para causar agentes estressores, os quais, muitas vezes, ocasionam prejuízos para a saúde dos profissionais, conforme retrata esta fala:

Então, nesse dia eu me estressei, sabe, eu acabei até tendo que chorar naquele dia, porque eu precisava mesmo, por causa da sobrecarga de trabalho (A2).

A revisão sistemática da literatura realizada por Ferreira e De Martino (2006) demonstrou que a falta de profissionais qualificados e a alta demanda de pacientes foram apontadas por enfermeiros como um importante fator gerador de estresse, tendo algumas pesquisas apresentado sinais de síndrome de *burnout*, em termos de exaustão emocional. O trabalho hospitalar está implicado por abordar situações limite, com alto nível de tensão e de risco para si e para outros (MENEZHINI; PAZ; LAUTERT, 2011).

Alguns sujeitos da pesquisa relatam o quanto é difícil ver pessoas fragilizadas por motivo de doença e até mesmo por situações de morte no seu cotidiano do trabalho:

Quando acontece algum óbito, alguma coisa assim, ou algum procedimento que no final não deu o resultado que era esperado, tu ficas frustrado (A3).

Aí morte [...]. Um jovem de acidente, uma pessoa jovem tu sentes muito, como se fosse alguém da tua família, é a mesma coisa, eu acho que tu vê aqueles pais que chegam e choram e gritam e diz: Meu Deus do céu! Aquela dor parece que é, ai... Um tiro, uma faca, alguma coisa assim, os familiares sempre relatam. Isso dói muito, dói muito. A gente acaba às vezes chorando junto em algumas situações (A6).

O enfermeiro confronta-se cotidianamente com a proximidade da morte e essa realidade envolve mais do que uma questão técnica, uma vez que a palavra morte desperta um conjunto de reações nesse profissional (MORAIS; MARTINS; SOARES; FARIAS; SAMPAIO; CARVALHO, 2013). Nessas condições, os sentimentos mais comuns provocados nesses profissionais são a impotência, o fracasso, a tristeza e a ansiedade, sugerindo também, com o sentimento de impotência, a angústia e a tristeza (PETERSON; CARVALHO, 2011).

São também apontadas dificuldades para desempenhar o trabalho considerando a relação com os profissionais da medicina:

[...] Eu acho que as condutas a gente não pode interferir [...]. Às vezes a gente vê uma conduta, bá, que eu acharia que poderia ser diferente, mas aí é complicado, porque tu não vai bater boca com o médico (A6).

Hora, Ferreira e Silva (2013) citam que os principais fatores estressores na profissão do enfermeiro hospitalar são identificados a partir da gestão, das duplas jornadas de trabalho, da supervisão de um ou mais setores, dos vínculos enfermeiro-paciente e família, da coordenação das equipes, da exposição a riscos no ambiente hospitalar, dos plantões noturnos, nos finais de semana e feriados, da falta de autonomia, da competitividade e de sobrecargas no trabalho.

Nota-se também, em relação aos fatores de risco, no que diz respeito à organização do trabalho, a falta de mão de obra, a importância de dar conta das demandas, a necessidade de manter a equipe coesa, entre outros aspectos. As seguintes falas representam esses aspectos:

Como eu sou folguista, eu nunca consigo me adaptar a um horário (A1).

Minha [...] dificuldade é na liderança (A4).

[...] A falta de técnicos é uma coisa que causa problemas, porque assim, faltando técnicos, sobrecarrega os outros... (A6).

O atendimento não para, o atendimento não para, às vezes o hospital está cheio e a gente tem que se virar, tem que se virar, não importa se está faltando, se a gente não contratou, se faltou alguém, a gente tem que ir em busca de profissionais porque a gente tem que atender à demanda que tem (A5).

Estudo realizado por Lima, Silva, Almeida et al. (2013), que investigou agentes estressores em trabalhadores de enfermagem com dupla jornada de trabalho ou mais, demonstrou a presença de vários fatores de risco que acomete estes profissionais. Em relação à situação de trabalho, os vários turnos assumidos pelos profissionais possivelmente são decorrentes de suas condições pessoais, laborativas e financeiras, levando-os a depender de mais de um emprego e ficando expostos a diversos fatores de risco desencadeadores de estresse.

Pafaro e De Martino (2004) salientam que a dupla jornada de trabalho ou mais é necessária aos trabalhadores de enfermagem devido à situação econômica da área da saúde, com baixos salários, muitas vezes insuficientes para o sustento da família, o que leva à busca por novas fontes de renda. Assim, essa realidade pode interferir em alguns aspectos referentes à qualidade de vida dos trabalhadores.

Por meio das entrevistas, pode-se identificar, ainda, um grande amor ao exercício da profissão de enfermagem:

Eu tenho paixão, amor por ajudar o próximo (A4).

Eu amo aquilo que eu faço, acho que ele [o trabalho] representa tudo para minha vida (A6).

Essa entrega à profissão remete à necessidade de reflexão sobre os limites entre benefícios e prejuízos emocionais que um trabalho idealizado pode provocar. Conforme apontam Gustavo e Lima (2003), o amor, a doação, o trabalho sob o modelo caritativo são características que demarcaram o início da profissão e que ainda estão presentes na forma de pensar de alguns profissionais da saúde.

A ideia do trabalho idealizado também pode estar associada ao trabalho visto como uma vocação, a qual se choca com questões práticas do dia a dia que o modelo clínico exige. Profissionais com fortes sentimentos vocacionais são mais vulneráveis a doenças ocupacionais, como a síndrome de *burnout*, pois, ao não verem sua atividade como um trabalho, mas como vocação, tendem a se envolver de forma excessiva, resultando em sobrecarga laboral (WOODS, 1999).

A enfermagem precisa ser analisada enquanto trabalho, afastando sua concepção amplamente aceita que a identifica como uma atividade de ajuda, podendo essa concepção ser fator dificultante para o enfrentamento e a transformação das condições de trabalho (RODRIGUES, 2001).

3.2 Fatores de proteção

Os fatores de proteção referem-se àquilo que pode proteger o sujeito do adoecimento. O conteúdo das falas dos entrevistados remete, como um dos fatores de proteção, ao resultado percebido do trabalho realizado. Considerando que o trabalho imaterial não está ligado diretamente à produção de bens materiais, é salutar notar que os entrevistados identificaram e mencionaram formas de satisfação em relação ao resultado dos seus serviços prestados, que dizem respeito a um bem intangível:

Cuidar do doente e ver que ele vem, assim, muito ruim e de repente ele sai super bem. Aquilo te faz... É uma realização! (A6).

Eu acho que é o resultado. Tem começo, meio e fim. Mas o resultado, o sorriso, a melhora, no momento em que o paciente chega e na hora em que ele está saindo bem, na hora do nascimento de alguém, na hora que a gente salva uma vida... (A5).

Os resultados do trabalho na enfermagem não são concretos e palpáveis, mas baseados em relações, comunicações, rede de informações e doação ilimitada de afeto (HARDT; NEGRI, 2004). Os autores complementam que, em uma sociedade em que é praticamente impossível viver fora das relações capitalistas de produção e acumulação, torna-se difícil distinguir trabalho produtivo do improdutivo. Por outro lado, as falas apresentadas denotam que os entrevistados se sentem produtivos e realizados ao perceberem o resultado do que fazem.

Os relatos dos entrevistados também sugerem a importância de o ambiente de trabalho proporcionar aos enfermeiros a construção de vínculos, o desenvolvimento do trabalho em equipe e a manutenção de bons relacionamentos, como mostra a fala:

Têm-se um coleguismo bom. Agora se está fazendo um trabalho bom, entre colegas enfermeiros e os técnicos, a gente trabalha junto (A2).

Um trabalho que seja provido de sentido deve ser fonte de experiências, de relações humanas satisfatórias, ou seja, a possibilidade da construção de laços de afeição (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007). Então, perceber o trabalho como uma importante fonte de relacionamento entre colegas pode se revelar um fator de preservação da saúde.

Incentivos e treinamentos são mencionados pelos entrevistados como estímulo para desempenhar a função:

A gente recebe mensalmente [...]. Sempre tem essa parte de educação permanente que tem no hospital e, sempre que surge algum equipamento novo ou algum procedimento novo, a gente recebe treinamento... (A3).

A função dos profissionais da enfermagem está pautada no cuidado do outro e, como reforça Genz (1991, p. 2) o trabalho de enfermagem é o processo de “assistir o ser humano” mediante suas necessidades. Por essa razão, torna-se necessário não naturalizar o cuidado apenas ao paciente, mas enfatizar a importância do cuidado também aos profissionais, nesse caso, os enfermeiros.

A realização pessoal e a identificação com aquilo que fazem são aspectos relevantes mencionados pelos entrevistados e que podem ser favoráveis à saúde ocupacional desses profissionais:

Se tu me colocares em outro trabalho, eu acho que eu não conseguiria fazer nada, porque eu amo aquilo que eu faço (A6).

O foco é o paciente, para mim é bom, é uma coisa que eu me sinto bem, eu me sinto satisfeita com o que eu faço e é gratificante (A2).

Se eu não trabalho, se eu não faço isso, se eu não levanto todas as manhãs, se eu não venho ver os pacientes, não tem motivo, não tem sentido nenhum (A1).

Estudo realizado com enfermeiros e médicos, que objetivou avaliar as motivações e condições para o trabalho em hospitais de Recife – PE, revelou que, na avaliação das motivações, ficou evidenciado o fator realização profissional como o de maior importância (MENDES et al., 2013), o que reitera relevância a esse fator de proteção. Segundo os autores, a realização profissional refere-se à busca de prazer e à realização pessoal e profissional, assim como o desenvolvimento de independência de pensamento e ação no trabalho por meio da autonomia intelectual e da criatividade.

A realização profissional e pessoal também é estudada como um dos fatores presentes em um trabalho que denota sentido, de modo que apresenta o trabalho a partir das ideias de crescimento pessoal e desafio intelectual e, ainda, relaciona-se com o trabalho que proporciona prazer por múltiplas causas e fontes (TOLFO; PICCININI, 2007).

Considerando o sentido do trabalho também como um dos pontos importantes deste estudo, percebe-se que, na atualidade, o trabalho tem ocupado cada vez mais o papel de centralidade na vida das pessoas, Antunes (2009, p. 173) afirma que “uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho”, como também “uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho”. Ou seja, o autor reforça que, além de o trabalho estar em uma posição importante na vida das pessoas, ele também estabelece sentidos, sejam positivos ou negativos, de acordo com as situações que ocorrem no cotidiano.

Para Souto (2003), o trabalho é entendido como uma maneira de engrandecer a vida e não deve se transformar, pelo modo ou pelas condições do ambiente em que é realizado, em um caminho para a invalidez ou para o encurtamento da vida. Assim, o autor reforça que o significado do trabalho também está na produção de saúde e na qualidade de vida que o profissional se propõe.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, é possível analisar as relações que se estabelecem entre o trabalho e o processo de saúde-doença em enfermeiros, de modo que foram identificados fatores de risco que podem indicar riscos à saúde desses profissionais, assim como fatores de proteção que podem ser estimulados com vistas a prevenir doenças ocupacionais nesses trabalhadores.

Como fatores de risco, sobressaem-se a sobrecarga de trabalho, o conteúdo do trabalho que traz situações de doença e morte, dificuldades de relacionamento com médicos e o amplo amor à profissão, que tende a fazer com que o profissional se envolva de forma excessiva, resultando em sobrecarga laboral. Esses aspectos, se não considerados e geridos pela instituição, podem ser determinantes no que se refere à saúde do trabalhador e à qualidade do serviço oferecido à comunidade.

Os fatores de proteção, identificados nesta pesquisa, dizem respeito aos resultados percebidos pelo trabalho realizado, revelando-se como um importante aspecto, tendo em vista as dificuldades que o trabalho imaterial interpõe nesse sentido. Perceber o bem intangível provocado pelos serviços prestados mostra que os enfermeiros estão conscientes do valor que seu trabalho apresenta.

A construção de vínculos no ambiente de trabalho também mostrou-se um fator de proteção, assim como práticas de recursos humanos voltadas a treinamento e desenvolvimento profissional e a realização pessoal e profissional com o exercício da profissão.

Desse modo, este estudo permitiu realizar reflexão sobre o trabalho de enfermagem no âmbito hospitalar e forneceu subsídios importantes para que a instituição estudada desenvolva ações voltadas à saúde e à qualidade de vida dos enfermeiros, além de programas de educação permanente como estímulo ao desenvolvimento contínuo desses trabalhadores.

Ainda, sugere-se que a área de recursos humanos da instituição avalie seus procedimentos de captação e seleção de novos profissionais, como possibilidade de redução da sobrecarga de trabalho anunciada por meio das falas dos entrevistados. Quem tem o cuidado ao outro como principal objetivo de trabalho merece ser bem cuidado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. 10. reimpr. ver. e ampli. São Paulo: Ed. Boitempo, 2009.
- BENDASSOLI, P. F. **Psicologia e trabalho**: apropriações e significados. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- CARLOTTO, M.S. **Síndrome de Burnout**: um tipo de estresse ocupacional. Cadernos Universitários. Canoas: Editora da Ulbra, 2001.
- FERREIRA, L. R. C., DE MARTINO, M. M. F. O estresse do enfermeiro: análise das publicações sobre o tema. **Rev. Ciênc. Méd.**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 241-248, 2006.
- FERREIRA, M.C.; MENDONÇA, H. (Orgs.). **Saúde e bem-estar no trabalho**: dimensões individuais e culturais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- FRANÇA, A. C. L. **Psicologia do Trabalho**: psicossomática, valores e práticas organizacionais. São Paulo: Saraiva, 2008.
- GENZ, G. C. (Coord.). **Auxiliar de enfermagem**: enfermagem para a promoção da saúde., 4 ed. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1991.
- GUSTAVO, A. S.; LIMA, M. A. D. S. Idealização e realidade no trabalho da enfermeira em unidades especializadas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 56, n 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672003000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 fev. 2015.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HORA, K. P. H. S.; FERREIRA, M. G. L.; SILVA, A. P. F. **Elementos desencadeadores do estresse no trabalho do enfermeiro hospitalar**: uma revisão integrativa de literatura. Cadernos de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde. Maceió. v. 1. n. 2. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/1227>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

HYPOLITO, A. M.; GRISHCKE, P. E. **O trabalho Imaterial e trabalho docente.** Caderno de Educação. Santa Maria. v. 38, n. 3, p. 507-522, 2013. Disponível em: <cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reeducacao/.../pdf.>. Acesso em: 17 jun. 2014.

JACQUES, M. G. C.; AMAZARRAY, M. R. **Trabalho bancário e saúde mental no paradigma da excelência.** Boletim da Saúde, v. 20, n. 1, 93-105, 2006.

LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde.** 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

LIMA, M. B; SILVA, L. M. S.; ALMEIDA, F. C. M.; TORRES, R. A. M.; DOURADO, H. H. M. Agentes estressores em trabalhadores de enfermagem com dupla ou mais jornada de trabalho, **Rev.de Pesq.: cuidado é fundamental.** *Online.* v. 5, n. 1, p. 3259-66, 2013.

MALAGUTTI, W.; CAETANO, K. C. **Gestão do serviço de enfermagem no mundo globalizado.** Rio de Janeiro: Editora Rubio; 2009.

MENDES, A. C. G.; ARAÚJO JÚNIOR, J. L. A. C.; FURTADO, B. M. A. S. M.; DUARTE, P. O.; SILVA, A. L. A.; MIRANDA, G. M. D. Condições e motivações para o trabalho de enfermeiros e médicos em serviços de emergência de alta complexidade. **Revista Brasileira de Enfermagem,** Brasília, v. 66, n. 2, p. 161-6, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000200002>. Acesso em: 13 fev. 2015.

MENEGHINI, F; PAZ, A.A.; LAUTERT, L. **Fatores ocupacionais associados aos componentes da síndrome de burnout em trabalhadores de enfermagem.** Texto e Contexto – Enfermagem. Florianópolis, v. 20, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072011000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MINAYO-GOMEZ, C.; LACAZ, F.A.C. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232005000400002&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 maio 2014.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação,** Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, I. C. P. S.; MARTINS, A. S. P.; SOARES, E. O.; FARIAS, E. A.; SAMPAIO, D. D.; CARVALHO, M. L. Vivência do enfermeiro frente ao paciente oncológico em fase terminal: uma revisão da literatura. **R. Interd.,** v. 6, n. 1, p. 96-104, 2013.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L.V. O trabalho e seus sentidos. 19. ed. especial **Psicologia & Sociedade**; [S.l.], v. 1, p. 47-56, 2007.

NASSER, A. C. (Tradução). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Coleção Sociologia.

PAFARO, R. C.; DE MARTINO, M. F. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. **Rev. Esc. Enferm USP**, v. 38, n. 2, p. 152-60, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/reusp/article/viewFile/41391/44970>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. **Validação da Escala de Estresse no Trabalho**. Universidade de Brasília Estudos de Psicologia, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22380.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

PETERSON, A. A.; CARVALHO, E. C. Comunicação terapêutica na Enfermagem: dificuldades para o cuidar de idosos com câncer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 4, p. 692-697, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672011000400010&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 fev. 2015.

RODRIGUES, R. M. Enfermagem compreendida como vocação e sua relação com as atitudes dos enfermeiros frente às condições de trabalho. **Rev. Latino-Am Enfermagem**, [S.l.], v. 9, n. 6, p. 76-82, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000600013>. Acesso em: 13 fev. 2015.

SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S.; MARZIALE, M. H. P.; LAUS, A. M. **Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico**. Texto Contexto Enferm. v. 18, n. 2, p. 330-7, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000200017>. Acesso em: 13 fev. 2015.

SOUTO, D. F. **Saúde no trabalho: uma revolução em andamento**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e Significados do Trabalho: Explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. 1. Ed. especial. **Psicologia & Sociedade**; v.19, p. 38-46, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400007&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 fev. 2015.

TRAESEL, E. S.; MERLO, A. R. C. Trabalho imaterial no contexto da enfermagem hospitalar: vivências coletivas dos trabalhadores na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 36. n. 123, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572011000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 mar. 2014.

VASQUES- MENEZES, I. Saúde do trabalhador: uma breve sistematização. In: FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, M. C., H. (Orgs.), **Saúde e bem-estar no trabalho: dimensões individuais e culturais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 63-77, 2012.

WOODS, P. Intensification and stress in teaching. In: VANDERBERGUE, R. M.; HUBERMAN, A. (Eds.), **Understanding and preventing teacher burnout: A source book of international practice and research**. Cambridge: Cambridge University Press, pp.115-138, 1999.